

PADRE FRANCISCO CANINDÉ DOS SANTOS: O POETA EDUCADOR

Tállison Ferreira da Silva ¹
Josineide Silveira de Oliveira ²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma compreensão de Padre Francisco Canindé dos Santos, o poeta educador. Enraizado na cidade de Assu, no estado do Rio Grande do Norte, ele é um sacerdote que se reveste de fé, resistência e ternura. A fé como sinônimo de otimismo e de esperança permite que o consideremos um sujeito capaz de enxergar além do seu tempo. A resistência revela a sua oposição ao mundo das crueldades e a ternura o aponta como alguém sensível a realidade onde está inserido para transformá-la. Essas três faces o constitui poeta, que na arte de educar estimula os indivíduos a construir uma civilização do amor. A metodologia histórico-bibliográfica-descritiva que sustenta essa investigação fundamenta-se na epistemologia das ciências da complexidade e assume o método como estratégia para a sistematização do pensamento. A pesquisa traz como interlocutores teóricos Giorgio Agamben (2009), Mia Couto (2009), Edgar Morin (2013) e Paulo Freire (2016) entre outros. Pe. Canindé, presbítero além-altar, enxerga a educação como uma via que possibilita o ser humano transformar a si e o mundo, por meio do humanismo solidário e do engajamento com a poesia da vida que se traduz nas relações de entreatajuda, na amizade, na cooperação e na ética responsiva.

Palavras-chave: Padre Canindé, O contemporâneo, O poeta educador.

INTRODUÇÃO

É preciso que os testemunhos de vida não passem despercebidos na trama do existir. O resgate de lições e experiências de pessoas que marcam o mundo com a sua presença, em tempos de crises e desafios sócio-político-econômico-educacional-religioso-cultural, são relevantes para reelaboração de novas rotas do bem-viver. Padre Francisco Canindé dos Santos aposta na educação que transforma o sujeito para uma

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, tallison@hotmail.com;

² Professora orientadora: doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), josisilveira02@gmail.com.

nova composição das relações que se pauta na amizade e na cooperação. Nessa perspectiva, esta pesquisa³ visa apresentar uma das suas multifaces, o poeta educador.

Nascido no Sítio Pelo Sinal, em Angicos/RN, o sexto filho da união matrimonial de Cecília Monteiro dos Santos e Joaquim Martins dos Santos, nunca temeu as agruras da vida. No berço de uma família pobre, também religiosa, Canindé aprendeu as primeiras letras no lugar onde nasceu e quando decidiu optar pelo sacerdócio, por influência do Cônego Manoel Tavares de Araújo (in memória), seguiu viagem para o Seminário da diocese de Mossoró/RN (1951-1958), a fim de dar continuidade a sua formação escolar, acadêmica e intelectual.

No Seminário Santa Terezinha (Mossoró) a formação foi densa e tensa. Densa, pois os estudos, por ser de excelência, exigiam muito dos seminaristas disciplina e ótimos resultados acadêmicos. Foi tensa, porque a exigência de uma obediência cega aos superiores contrariava o modo como Canindé desejava que a instituição fosse: acessível ao povo, às necessidades dos marginalizados e que a obediência cega aos superiores passasse a ser dialogada. Por assim pensar e por defender uma Igreja em saída (serviçal) ele mostrou-se intempestivo. Essa postura implicou a expulsão do seminário onde residiu.

Em meados do ano 1958 foi mandado para o seminário menor em João Pessoa/PB, onde terminou a última etapa do Curso Ginásial. Em 1959 foi transferido para o Seminário da Prainha no Ceará, até o ano de 1960. De 1961 a 1965 instalou-se no seminário de Olinda e Recife/PE, onde concluiu o curso seminarístico. Foi ordenado padre em 29 de junho de 1965 pelo bispo Dom Gentil Diniz Barreto (in memória), em cerimônia realizada na capela do seminário Santa Terezinha em Mossoró. O neossacerdote foi designado para assumir a Paróquia de São João Batista de Assu, no dia 03 de janeiro de 1966, onde permaneceu à frente dos trabalhos paroquiais até o ano de 2011, quando, por motivo de saúde, renunciou a função de pároco.

Em Assu, a trajetória do Padre Canindé aponta para uma de suas multifaces, talvez a mais conhecida por todos, a da irreverência. De temperamento forte ele nunca mediu palavras, quando percebia que se fazia necessário denunciar as injustiças. Nunca temeu a morte, mesmo quando foi ameaçado pelos poderosos do Vale do Açu (políticos

³ Pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGED, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFR.

partidários), que não aceitavam que ele tomasse as dores dos mais pobres e que não admitiam ser chamados por ele, em praça pública, de cretinos e cafajestes.

Por ser considerado um “padre fora de sério” ou “pastor incansável”, Pe. Canindé atendeu mais de cinquenta comunidades – zona urbana e rural. Foi professor e diretor dos extintos colégios Ginásio Pedro Amorim e Instituto Padre Ibiapina. Esteve à frente da Escola Estadual Juscelino Kubitschek. Ajudou a fundar a UERN – campus Assu – na década de 1970. Participou de grupos e movimentos sociais, por exemplo, o Clube Lions (1969). Foi eleito Vice-presidente Do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, CODEVA (1969). Esteve à frente do processo de fundação da Rádio Princesa do Vale, maior canal de comunicação dos assuenses, inaugurada em 16 de outubro de 1981. Apoiou a criação do grupo de Escoteiros “Olavo Bilac” (1968). Fundou o Centro Ministerial do Assu em 1978, para mitigar os impactos da crise vocacional causada pelo fechamento do seminário Santa Terezinha de Mossoró; por isso foi tido como reitor do seminário itinerante no período de 1978 a 1984. Efetivou os serviços da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, APAE (2006). Foi responsável por trazer o movimento de Encontros de Casais com Cristo, ECC, para a diocese de Mossoró. Criou a Pastoral da AIDS. Apoiou Congressos de Juventudes no Vale do Açu e foi um grande resistente à política de sujeição.

A sua luta para que o povo do Assu pudesse viver com dignidade é fruto de uma sensibilidade poética. É disso que pretendemos discutir neste artigo. Essa face que se esconde – a do poeta – é a que queremos revelar. Esse modo de ser mostra o quanto ele foi movido pela poesia da vida e o quanto foi capaz de educar para construir uma civilização do amor.

Pe. Canindé enxerga a educação como uma via que possibilita o ser humano transformar a si e o mundo, por meio do humanismo solidário e do engajamento com a poesia da vida que se traduz nas relações de entreatajuda, de amizade, de cooperação e de ética responsiva.

METODOLOGIA

A metodologia histórico-bibliográfica-descritiva que sustenta essa investigação fundamenta-se na epistemologia das ciências da complexidade e assume o método como estratégia para a sistematização do pensamento.

O que faz Pe. Canindé ser o poeta educador? Essa foi a questão base para o desenvolvimento da pesquisa.

A escrita deste material exigiu diversas leituras, entrevistas com ex-alunos e pessoas da zona urbana e rural situados no município do Assu/RN. Na pesquisa, foram analisados documentos e Livros de Tombos da paróquia de São João Batista da referida cidade para que se pudesse observar o engajamento sócio-político-educacional-religioso do Pe. Canindé e a sua importância para o Vale do Açu, sobretudo, no universo da educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Edgar Morin nos ajuda a pensar sobre a prosa e a poesia da vida. A primeira – a prosa – constitui-se como uma realidade rígida que nos permite apenas sobreviver. A segunda – a poesia – é o que nos faz viver, porque possibilita que nos desenvolvamos no amor, na amizade, na comunhão, no divertimento, na festa, no ensino-aprendizagem, no encontro etc. Esta é, portanto, uma via pela qual se pode fazer a experiência de encantamento do mundo.

É pela via da poesia da vida, não romantizada, que transita o padre Canindé. Em Assu/RN, considerada a “Terra dos Poetas”, ele é uma referência eclesial, política e educacional, que sabe conjugar fé, resistência e ternura para (re)encantar o mundo com a poesia do bem-viver.

A **fé** como ato de acreditar o possibilitou ser um sujeito otimista e disposto a perseguir as suas convicções. A **resistência** o fez ser o irreverente. A sua vida foi marcada pelos questionamentos que o levou a propor novos caminhos de soluções frente às crises sociais, ambientais, políticas, educacionais, religiosas, culturais etc., porque “as crises agravam as incertezas, favorecem os questionamentos; podem estimular a busca de novas soluções” (MORIN, 2013, 9). As crises que enfrentou não foram vistas como oportunidades para vitimização, mas para a superação e a reorganização das estratégias para transformar os cenários desoladores. Mas o que poucos sabem é que ele foi um sujeito da **ternura**. Por trás de toda a sua capa de irreverência, encontram-se fios de mel. Esconde-se um homem frágil e delicado.

Ele é um poeta, que na maioria das vezes não se mostra como tal. Contudo, o místico Rumi orienta: “Atenta para as sutilezas que não se dão em palavras.

Compreende o que não se deixa capturar pelo entendimento” (RUMI, 1996, p.7). Quando o Pe. Canindé nos escapa a compreensão, é porque ele está no estado de poesia, que é um estado estranho que emerge de dentro do vate. “A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele outro mundo” (COUTO, 2009, p.51). Essa estranheza possibilita um olhar mais sensível à realidade social como um todo.

A sua sensibilidade para compreender que a natureza fala, não pelas palavras, mas por aquilo que ela é capaz de fazer sentir, o define também poeta que, nas palavras do filósofo Giorgio Agamben, é o contemporâneo (AGAMBEN, 2009). O “contemporâneo é o intempestivo” (AGAMBEN, 2009, p.58), ou seja, alguém que enxerga para além do seu tempo e que não se adequa ao período histórico em que está inserido. Nesse sentido, ele é um crítico, um descontente que vê não a luz, mas a escuridão – tudo aquilo que emerge como incertezas.

Pe. Canindé configura-se ao contemporâneo, porque

pertence verdadeiramente ao seu tempo [...] não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p.58-59).

Ele consegue, mergulhado nas trevas do presente, (re) escrever a história, fazer diferente, reclamar, conchamar, sem deixar-se ofuscar pelos holofotes das certezas. Pode ser visto como um dispositivo que “captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p.12), capaz de atrair e retrain amizades pela sua forma de se impor. Ele transmuta a realidade onde vive.

Essa transmutação emerge de uma conscientização de mundo: “a conscientização implica que se passe da esfera espontânea de apreensão da realidade para uma esfera crítica” (FREIRE, 2016, p.56). A esfera crítica deve permitir a construção de uma sociedade para o bem-viver como resposta de amor face ao sistema segregador e perverso em que vive o ser humano.

Pe. Canindé foi, portanto, um crítico que empenhou forças na desconstrução de uma sociedade fragmentada *pari passu* rompeu com o sistema opressor, sem temor.

Por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (AGAMBEN, 2009, p.65).

Aquele que enxerga “o claro no escuro” (AGAMBEN, 2009, p.63-65) pode dar novo sentido aos acontecimentos por meio da fé, resistência e ternura. Este comporta em si uma perspicácia maior em relação ao passado, porque no presente ele olha o passado e é capaz de enxergar possibilidades de renovação. Ser contemporâneo é um ato de resistência.

No mundo marcado pelos avanços tecnológicos e científicos, pelo consumo e, conseqüentemente, pela cultura do descarte, insurge o sujeito que se apresenta como um enigma e que se põe a desafiar e a exigir de todos os indivíduos da comunidade uma posição de alteridade em face de tudo o que se nega à identificação seja com a história, com a vida, com o mundo a qual pertence. Foi desse modo que se comportou o pastor incansável do Vale do Açu.

O poeta é um sujeito que sabe esperar pelo amor e parafraseando a Clarice Lispector (1920-1977) amar não acaba. Só é possível transcender a dor pessoal e da comunidade, quem é capaz de amar; quem age com ternura. Essa ternura não é melancólica, fria, ela é *caliente*; é algo da ordem do fogo, que pressupõe movimento, transformação e modificação. É desse tipo de ternura que a humanidade precisa: uma ternura *caliente* (expressiva) que se oponha a ternura fria (inexpressiva).

Na base da ternura fria está a insensibilidade, a inércia e a paixão, porque as pessoas “não são mais orientadas para amar”, mas para viver a intensidade do momento de modo que satisfaçam os seus próprios interesses. Nada que envolva comprometimento se adequa a esta realidade, porque o mais importante é consumir a vida como propunha Nietzsche (1844-1900). Nessa lógica impera o adágio: “cada um por si e Deus por todos”, propaga-se o individualismo com momentos de compartilhamento coletivo.

A ternura *caliente* incita ação, envolvimento, deslocamento, mudança. Provoca saída da zona de conforto, relação e consumação da vida, mas não de qualquer modo. A ternura *caliente* é aquela que o padre Canindé deixou transparecer ao longo de sua vida e que se traduz como cuidado. O cuidado de enxergar a sombra, a luz e propor sempre o caminho do meio pela via do educar para transformar o sujeito e o mundo onde está inserido.

A educação que transforma é aquela que ajuda o ser humano a reconhecer-se incompleto, inacabado e finito, pois, “a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto o leva à sua perfeição” (FREIRE, 2020, p.34).

Freire encaminha o homem à consciência de que deve ser o protagonista da sua própria educação.

Ao conforma-se ao homem-educador humanista, Paulo Freire propõe uma educação que se contextualiza: “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados” (FREIRE, 2020, p.82), especialmente, porque “o homem é um ser de raízes espaço temporais” (FREIRE, 2020, p.82). Essa proposta de educação correlata-se à ideia de que a educação só produzirá mudanças significativas, quando o homem passar a atuar de maneira crítica ao passo em que souber conjugar as diferenças e abrir-se ao diálogo para agir, interagir, recriar e participar.

Padre Canindé é o poeta que se estende – além-altar – para compor um novo estilo de vida à base do humanismo solidário, pela qual perpassa a construção da civilização do amor. Esse amor diz respeito ao comprometimento com a ética da vida – ética do engajamento social, onde todos os indivíduos se sentem responsáveis uns pelos outros.

A humanidade precisa despertar para a sensibilidade para observar que óbvio nem sempre é o que é visto, mas o que ninguém consegue enxergar. Esse é bem o modo de pensar do ensaísta e prosador libanês Khalil Gibran (1883-1931) que sugere maior perspicácia para contemplar o que há de belo, ainda não visto, em toda a natureza.

A todo o instante somos chamados a mirar o horizonte e a perceber os detalhes que se esconde por trás de tudo aquilo que está dado ou previamente determinado. Essa forma de articular o pensamento instiga comportamentos menos egoístas e mais altruístas, porque viver alude relação.

Desperta para o sentido do que é ser um contemporâneo o sujeito que contempla a obscuridade do tempo (AGAMBEN, 2009). Caminha por entre as sendas das certezas e incertezas. Enxerga o que o outro não é capaz de enxergar, porque os holofotes (as certezas) encandeiam a visão.

Aquele que tem a alma aberta e transita por entre a prosa e a poesia da vida revela a sensibilidade que o faz florescer, amar e comunicar. Viver poeticamente significa transitar por esses lados opostos que se complementam. Nesse entrecruzar se pode encontrar a felicidade, os momentos de êxtase e de contentamento.

O que faz o encantamento da poesia é o inesperado. Na prosa da vida, atenta-se à poesia quem busca a todo instante inventar a realidade. Esse é o poeta – o contemporâneo. Quem opta por enxergar no escuro e se assume pirilampo de um tempo;

toma para si o compromisso de iluminar o mundo pelo conhecimento e pela coragem de fazer a diferença onde quer que esteja. Ele é o educador que ao articular ideias, palavras e conceitos, constrói pontes de humanidades em vista da globalização da esperança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser poeta – de padre Francisco Canindé dos Santos – não se correlata à visão romantizada que se tem do vate: um sujeito que escreve poemas utilizando-se de lindas palavras, mas está correlacionado ao movimento que o permite deslocar-se em direção ao detalhe.

O deslocamento é fruto de inquietações que levam o indivíduo a romper com a própria realidade – muitas vezes de injustiças, desigualdades – para ressignificá-la. O detalhe é, portanto, o que está dado e não totalmente revelado, mas que se desvela, um pouco mais, pelas lentes do poeta que visa recriar a vida com a sua poesia – a do humanismo solidário.

Uma das experiências que demonstra essa veia para o humanismo solidário, diz respeito a sua posição contra a forma como foi executado o Projeto Baixo-Açu que tinha, dentre tantas prioridades, a construção da Barragem Engenheiro Armando Ribeiro Gonçalves – no Vale do Açu/RN. Com a construção da referida barragem centenas de famílias perderam suas terras, casas e comércios, e muitas delas não foram indenizadas. A cidade de São Rafael desapareceu submersa nas águas e toda a paisagem geográfica e econômica do Vale foram modificadas.

Registra-se que uma das maiores manifestações aconteceu em 01 de maio de 1980, por ocasião do Dia do Trabalhador. O protesto foi organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sob os auspícios da Igreja Católica.

Figura 1: Noticiário sobre a manifestação de 1º de maio de 1980, registrado pelo Jornal Vale do Açu, em 03 de maio de 1980.



Fonte: Tállison Ferreira da Silva (2014).

Na manifestação, o Pe. Canindé juntamente com a classe rural, representações civis e religiosas defendeu a reforma do Projeto Baixo-Açu. A participação da Igreja Católica local e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, nas manifestações, foi de fundamental importância para que as pessoas sem voz pudessem se sentir apoiadas e encorajadas a lutar.

O protesto agregou pouco mais de 10 mil participantes, oriundos de

quase 100 municípios do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, e contou, também, com representações políticas, estudantis, classicistas, sindicais de diversos Estados e até mesmo de outros países, Bolívia, Nicarágua e El Salvador. O encontro dos Trabalhadores aconteceu em clima de paz, apesar do aparelho repressivo, com a participação de agentes da Polícia Federal, DOPS e SNI, mobilizado na “capital do Vale”. Além do aparato, nem a falta do prefeito Sebastião Alves, que se encontrava jogando baralho numa casa de jogo da cidade, esvaziou o encontro (JORNAL Vale do Açu, edição de 03 de maio de 1980).

No jornal “Vale do Açu”, a manifestação ganhou repercussão, dado o número de participantes e da presença de 100 policiais da PM, além do estado de prontidão das guarnições de Natal e Mossoró.

Por trás dessa ação se esconde o poeta, que sensível aos problemas sociais, educa para o engajamento comunitário, em vista de novos caminhos possíveis de

humanização para que se minimizem as injustiças sociais, a indiferença e o descaso político, sobretudo, contra os mais pobres.

A sensibilidade é, por exemplo, um detalhe para o qual poeta nos quer chamar a atenção a fim de dizer que sem o interesse pelo outro (homem e natureza) pode parecer contraditório falar em construção de uma sociedade melhor para todos. O poeta apela para que os indivíduos se relacionem tomando por base a ética responsiva que passa pelo sentimento de pertença ao meio onde se está encravado.

A ética responsiva implica comprometimento mútuo, porque o sujeito deve se perceber, no processo de existir, responsável por todos os seres vivos e não vivos que compõem a teia da vida (CAPRA, 2006). Nas palavras de Paulo Freire, “o homem está no mundo e com o mundo” (FREIRE, 2020, p.37). O homem é um ser de relação que se relaciona com tudo o que está no mundo.

A poesia de padre Canindé resulta do impulso que ele tem de lançar ao mundo a esperança para entusiasmar as pessoas a pensar e a construir uma nova forma de ler o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sertão potiguar, Padre Canindé resistiu a uma política de sujeição. Colaborou com o desenvolvimento da cidade de Assu. Ele se manteve íntegro aos princípios da doutrina católica; no entanto, a sua capacidade de deslocar-se do altar eucarístico para o altar da vida do povo – assuenses – foi perceptível por todos que compartilharam de sua existência, sobretudo, pela sua forma de educar para conscientização.

O exercício de conscientização por ele ensinado passa pelo rompimento com o mundo das crueldades para a construção de uma sociedade renovada, onde todos se engajam em função do bem comum.

Na igreja, na sala de aula, nas ruas e praças os seus ensinamentos interpelaram homens e mulheres a uma tomada de atitude a fim de que pudessem construir a globalização da esperança e da compaixão pelo princípio da ética responsiva. Essas lições contribuíram para que o ser humano aderisse à poesia da vida, aquela que nos afirma enquanto sujeitos no mundo onde as relações se constroem na amizade, na cooperação e na corresponsabilidade social.

O poeta não desiste de encontrar o que há de melhor no mundo. Não se cansa de construir outras estratégias para inventar a realidade. Está a caminho, como quem marcha para ressignificar a história. É na trilha do fazer-humano que ele educa para construir a cultura do cuidado. O poeta educador aposta na educação como um acesso à transformação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. – São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano e outras interinvenções.** Portugal. Editorial Caminho, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** [tradução de Tiago José Risi Leme]. – São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 42^a ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MORIN, Edgar. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise?** Tradução Clóvis Marques. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

RUMI, Jalal ud-Din. **Poemas Místicos.** Tradução José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar, 1996.